Quando morrem os pets: sobre humanos e animais de estimação num cemitério da Serra Gaúcha.

MARCUS VINÍCIUS NASCIMENTO NEGRÃO
Universidade Federal de Pelotas | Pelotas, RS, Brasil
marcusnegrao@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe223604

resumo Neste artigo, reflito sobre uma experiência de visitação a um cemitério, localizado na Serra Gaúcha, destinado ao sepultamento de animais de estimação. Como parte do trabalho de campo de uma pesquisa de maior escopo acerca de ritos funerários destinados aos *pets*, trago neste texto considerações acerca da experiência etnográfica em um espaço cemiterial *pet*, especialmente no que diz respeito à análise do conteúdo discursivo presente no livro de visitas do cemitério, no qual são registradas mensagens de carinho e homenagens póstumas a animais já falecidos. Tenho em mente a seguinte questão: o que a morte e o sepultamento de animais de estimação pode ensinar à Antropologia no que se refere aos debates sobre as relações entre humanos e não humanos?

palavras-chave Antropologia da Morte; Cemitério; Animais de Estimação; Ritos Funerários; Natureza e Cultura

"When pets die: about humans and pets in a cemetery in Serra Gaúcha.

abstract In this article, I reflect on an experience visiting a cemetery, located in Serra Gaúcha, destined for the burial of pets. As part of the field work of a larger scope research about funerary rites destined to pets, I bring in this text considerations about the ethnographic experience in a pet cemetery space, especially with regard to the analysis of the discursive content present in the guestbook of the cemetery, in which messages of affection and posthumous tributes to deceased animals are recorded. I have in mind the following question: what can the death and burial of pets teach Anthropology with regard to debates about the relationships between humans and non-humans?

keywords Anthropology of Death; Cemetery; Pets; Funeral Rites; Nature and Culture

Introdução

Neste artigo, reflito sobre uma experiência de trabalho de campo num cemitério, localizado na Serra Gaúcha, destinado ao sepultamento de animais de estimação[1]. Como parte do trabalho de campo de uma pesquisa de maior escopo acerca de ritos funerários destinados aos *pets*, trago neste texto considerações a respeito da experiência etnográfica em um espaço cemiterial *pet*, especialmente no que diz respeito à análise do conteúdo discursivo presente no livro de visitas do cemitério, no qual são registradas mensagens de carinho e homenagens póstumas a animais já falecidos. Para construir este artigo, conto com algumas inspirações teórico-metodológicas. No que tange à discussão sobre cemitérios para

[1] No Brasil, há diversos cemitérios para animais localizados em todas as regiões do país. Para mais detalhes, ver matéria de Pinto *et al.* (2019) publicada no Portal Clínica Veterinária, disponível em: https://www.revistaclinicaveterinaria.com.br/opiniao/mvcoletivo/cemitrios-de-animais-no-brasil/

CC BY NC SA

humanos, há pesquisas que se dedicam a investigar, por meio da visitação a espaços cemiteriais, temas como a relação entre formas tumulares e transformações sociais mais amplas nas dinâmicas de parentesco (Motta, 2009) e os diferentes modos de sociabilidade passíveis de serem analisados a partir da observação dos estilos mortuários em cemitérios da transição entre os séculos XIX e XX (Motta, 2010). No âmbito epistemológico de uma Antropologia da Morte interessada nas relações humano-animais, inspiro-me em pesquisas como a de Auster, Auster-Gussman e Carlson (2020) que, a partir de visitação ao cemitério de Lancaster (Pensilvânia), analisou placas de inscrições tumulares que homenageiam pets falecidos entre os anos de 1951 e 2018, no intuito de identificar mudanças na percepção dos humanos quanto a sua relação com os animais de estimação. Inspiro-me, ainda, na pesquisa de Tourigny (2020) que, por meio de visitações a cemitérios de animais no Reino Unido, também analisou lápides e epitáfios como testemunhos das mudanças nas sensibilidades sociais em relação aos *pets*. Tenho em mente a seguinte questão: o que a morte e o sepultamento de animais de estimação pode ensinar à Antropologia no que se refere aos debates sobre as relações entre humanos e não humanos?

O percurso desta pesquisa está pautado, epistemologicamente, em dois eixos de interesse para a Antropologia: os estudos sobre morte e os estudos sobre a interação entre humanos e animais. Para isso, considero necessário recuperar alguns debates que são constitutivos das trilhas percorridas por pesquisas socioantropológicas desenvolvidas pioneiramente por autores/as que me precedem neste tipo de discussão. Assim, abordo alguns aspectos que foram debatidos ao longo da história da Antropologia e das Ciências Sociais como um todo, a saber: o entendimento das Ciências Humanas sobre o fenômeno da morte; os ritos funerários sob perspectiva antropológica; os espaços cemiteriais como lugares de memória; a compreensão histórica do morrer; a virada ontológica que abala uma cisão fundante do pensamento ocidental a partir do binarismo entre Natureza e Cultura; as relações entre animais humanos e não-humanos; a constituição das famílias multiespécies; os desdobramentos que o novo *status* ontológico dos animais tem provocado na indústria *pet*.

A morte em perspectiva socioantropológica

Grandes pensadores têm se debruçado sobre a temática da morte e, com isso, abriram um campo de investigação muito vasto e em constante transformação. Entretanto, as reflexões sobre o morrer quase sempre estão circunscritas ao fenômeno da morte de seres humanos. Isto significa dizer que pouca atenção tem sido dada ao falecimento dos animais e aos ritos funerários que, possivelmente, marcam o término da vida desses seres não humanos. Por isso, esta pesquisa adota uma perspectiva antropológica e tem como objeto de investigação a relação de humanos e não humanos na morte e pós-morte dos *pets*. A intenção aqui contida visa contribuir com o preenchimento de uma lacuna etnográfica que, provavelmente, pode produzir costuras interessantes entre dois campos distintos: a Antropologia da Morte, ligada a discussão de rituais, e a Antropologia de Humanos e Não Humanos, que "humaniza" os animais e "animaliza" os humanos, embaralhando a dicotomia ocidental entre natureza e cultura.

Norbert Elias (2001) e Philippe Ariès (1989) dedicaram algumas reflexões importantes que serviram como parâmetro para o estabelecimento do debate sobre a Morte no âmbito das Ciências Humanas. Ora salientando a necessidade histórica de promover um "isolamento" da morte, dos moribundos e de todo elemento provocador da reflexão sobre a finitude da vida (como o que se lê em Elias); ora reafirmando que as relações com o processo de morrer eram naturalizadas em períodos históricos anteriores, onde a morte e os mortos eram inseridos no ambiente doméstico familiar (como argumenta Ariès), as discussões sobre a morte procuravam lidar com as estratégias de compreensão filosófica, cultural e histórica em torno das noções de "sofrimento", "perda" e "luto" (Morin, 1976).

Um estudo pioneiro das representações coletivas sobre a morte em âmbito antropológico é de Robert Hertz (1960). Hertz constatou que a morte é um fenômeno preeminente na consciência social, possibilitando que certas representações coletivas sejam finalmente compreendidas. O autor advoga pela ideia de que a morte provoca mudança de status social e origina uma mudança de consciência na sociedade como um todo, estimulando representações sobre espiritualidade através das possibilidades de vida em outros mundos.

Em outro texto clássico, Mauss (1979) dá grande contribuição à Antropologia da Morte ao analisar os ritos orais funerários ocorridos na Austrália. Com seu projeto intelectual de demonstrar que as emoções são, além de fisiológicas e psicológicas, sociológicas, Mauss dá relevo à cultura como um elemento que conforma as ações dos sujeitos em termos "emocionais". O autor destaca que os sentimentos e ideias compartilhados nos ritos fúnebres são de caráter coletivo, retirando o campo das emoções do âmbito puramente individual.

Sem pretender fazer uma revisão bibliográfica que esgote o tema, é importante dizer que há inúmeras pesquisas sobre a Morte na tradição socioantropológica, tal como os trabalhos de Morin (1970), Carneiro da Cunha (1978), Bloch e Parry (1982), Thomas (1983), Pina Cabral (1984), Rodrigues (2006), Motta (2009; 2010), Reesink (2010) e Fochi (2011). Entretanto, a grande pergunta desta pesquisa consiste em tentar perceber como a antropologia tem olhado para a morte de animais não-humanos. Se, no que se refere aos animais de estimação, as relações de afeto entre tutores e *pets* tem reconsiderado o *status* ontológico dos não-humanos, constituindo-se ambientes domésticos habitados por famílias multiespécies, como as pessoas têm lidado com suas mortes?

Nos últimos anos tem crescido a bibliografia que discute as relações entre tutores e animais de estimação a partir de espaços cemiteriais. Por exemplo, a pesquisa de Schuurman e Redmalm (2019) aborda a complexidade dos significados culturais implicados no advento de cemitérios destinados a animais na Escandinávia. Tais espaços cemiteriais servem como lugares de memória que criam comunidades em torno da legitimação do luto por animais de estimação – um sentimento que, de acordo com os autores, é marginalizado. Desenvolvida em contexto japonês, a pesquisa de Veldkamp (2009) problematiza o desenvolvimento de funerais *pet* e as transformações nas formas como os animais são cuidados no *post mortem*. Estas pesquisas estão inseridas num contexto amplo de crescente interesse acadêmico pelos animais nas Ciências Humanas, como demonstra a pesquisa do historiador Bulliet (2005), na qual é possível identificar alguns períodos históricos visíveis nas relações humano-animal, tais como: a "separação" (quando humanos percebem-se diferentes dos animais); a

"pré-domesticidade" (marcada por uma coexistência simbólica e espiritual com os animais); a "domesticidade" (caracterizada pela relação utilitária com os animais) e a "pós-domesticidade" (reveladora do gradual distanciamento entre os humanos e os animais de produção). Para Digard (2012), a domesticação animal foi responsável por criar diferenciações culturais entre as sociedades humanas.

O debate sobre a relação humanos e não-humanos é intrinsecamente ligado à problematização do binômio natureza e cultura, noções que balizam a antropologia desde seus primórdios. Na impossibilidade de pautar aqui toda a amplitude deste debate, vale dizer que um dos pesquisadores mais proeminentes acerca desse tema é Lévi-Strauss (1990; 2010; 2012), que, em diversas obras, discute a passagem da natureza à cultura pelas vias do parentesco e do tabu do incesto, pelas narrativas mitológicas que ordenam o mundo indígena em dicotomias como "cru" e "cozido" ou pela construção de compreensões nativas de mundo que constituem as bases do que o autor denomina sugestivamente como "pensamento selvagem".

Entretanto, contemporaneamente, a etnologia indígena tem dado significativas contribuições que relativizam a divisão conceitual entre natureza e cultura. Philippe Descola (1998; 2006; 2016) nos apresenta, a partir de sua famosa etnografia entre os *achuar* (habitantes da Amazônia equatoriana/peruana), a implosão da dicotomia natureza/cultura, que coloca os humanos em relação de igualdade com os seres não-humanos[2]. Por sua vez, Viveiros de Castro (2002) debate a noção de perspectivismo ameríndio com o objetivo de sofisticar a compreensão de que os povos indígenas observam e compreendem o mundo "natural" como indissociável do mundo "cultural", atribuindo capacidades aos animais, plantas e outros seres que também observam este mundo de relações a partir de uma perspectiva específica que lhes é própria.

Marshal Sahlins (2003) dedicou-se a refletir sobre as bases culturais que orientam certas concepções acerca dos animais domésticos, tornando-os bons para comer, trabalhar ou fazer companhia ou, para a antropologia, bons para pensar em noções estruturantes das relações humanos e não-humanos. Fora da etnologia indígena, Bruno Latour (2013) leva o debate para o contexto da antropologia da ciência ao problematizar as invenções humanas híbridas, em termos naturais e culturais, ao argumentar que as sociedades ocidentais "jamais foram modernas", pois foram incapazes de operar com a dicotomia fundante da suposta modernidade: a divisão entre natureza e cultura. Para Latour, os fenômenos que experienciamos são, ao mesmo tempo, naturais, discursivos e culturais.

Atualmente, a Antropologia tem se aberto a discussões mais específicas sobre animais, investindo de modo crescente nos rendimentos desse debate para se repensar as configurações de grandes conceitos como "cultura" e mesmo "sociedade". Além disso, a imaginação dos antropólogos tem colocado em pauta questões metodológicas acerca da pesquisa com seres não humanos, atentando para as possibilidades e limitações desse tipo de

[2] Descola (1998) destaca que, diferente das sociedades ocidentais, os povos indígenas desenvolvem outros tipos de relações com os animais que fazem parte de seu convívio. De acordo com o autor, estas relações são moldadas a partir de esquemas comportamentais que estão estritamente relacionados a concepções de ordem cosmológica, ontológica e sociológicas muito próprias aos povos originários.

pesquisa. Destacam-se nesse campo os trabalhos de Rapchan e Neves (2014), cuja reflexão se deteve na provável aplicabilidade do método de inspiração etnográfica para se discutir questões comportamentais entre chimpanzés. Nesse sentido, a exemplo das discussões recentes encabeçadas por Sophie Houdart (2015), o debate antropológico contemporâneo tem levado às últimas consequências sua tentativa de compreender seres não humanos, problematizando inclusive as relações entre humanos e partículas físicas, átomos, elementos minerais, vírus e outros seres microscópicos que possuem vida.

A chamada "virada animalista" (*tournant animaliste*), na qual se percebe a admissão do animal não humano como ser que junto a nós, humanos, integra o social (Segata, 2012), foi utilizada pela primeira vez em 2011, na França, e representa a busca por entender o animal não humano constituinte de coletivos, fazendo-nos refletir acerca da agência e o ambiente em que humanos e animais se encontram inseridos. Velden (2015) considera os animais como símbolos e sujeitos a todo tempo, ressaltando que a antropologia não deve sentir a obrigatoriedade de escolher entre uma ou outra forma para se fazer análise. Sendo assim, esta pesquisa se insere numa busca por compreender as relações entre humanos e não humanos a partir da interligação com contextos em que animais não humanos aparecem como símbolos ou também desempenhando ou não alguma função.

Há um reconhecimento de pureza moral direcionada aos animais de estimação (Oliveira, 2006; Pastori, 2012; Osório, 2013), e, consequentemente, lhes é atribuído certo grau de divindade, pois acredita-se que esses animais manifestam um amor incondicional e uma perfeição moral há muito esquecidos pelos humanos. No entanto, Donna Haraway (2021) afirma que a percepção desse amor incondicional é fruto de uma constante busca por satisfazer as condições de amar e por aprofundar a intimidade entre humanos e animais de estimação. A autora argumenta que a relação entre as pessoas e seus *pets* é permeada pela alegria, porém, se encontra ameaçada caso o animal de estimação não corresponda à fantasia de amor incondicional que lhe é atribuída. É uma relação de amor em que o conhecimento do outro é uma jornada, na qual o *pet* é sujeito dotado de capacidades assim como o humano, e o amor é desenvolvido numa relação construída por ambos.

Tal capacidade nos permite afirmar que os animais não devem ser tratados como seres desprovidos de intencionalidade, decorrentes do especismo (Singer, 2013), que nada mais é do que a discriminação àqueles não pertencentes à mesma espécie. A ética no trato com os animais confere legitimidade a uma relação que articula a todo momento direitos e deveres com pesos iguais para seres diferentes. Portanto, os ritos fúnebres, o enterramento ou cremação de animais pode reforçar essa nova maneira de olhar para os *pets* como sujeitos de direitos, cujo fim da vida necessita de rituais que os reconheçam como integrantes de um contexto social e dotados de agência.

No que se refere a esse tipo de discussão entre humanos e não humanos, esta pesquisa mantém proximidade com a proposta investigativa de Jean Segata (2012), que elaborou etnografia sobre as relações dos humanos com seus animais de estimação, constituindo-os como uma alteridade importante para a Antropologia. O autor pergunta sobre como se dão e quais são os limites dos processos de humanização dos *pets*. Minha pesquisa entende os *pets* como espécies companheiras, isto é, espécies não-humanas, entendidas como bichos e plantas diversos, com as quais os humanos estabelecem relações

duradouras que podem gerar responsabilidades e/ou laços emocionais muito fortes. Tendo em vista que os cachorros são o principal (ainda que não sejam o único) foco desta investigação, dialogo diretamente com as reflexões de Donna Haraway (2021) acerca de sua percepção dos cachorros como espécies companheiras. A leitura de suas considerações sobre espécies companheiras permite constatar que a principal base onde se fixa este conceito é a noção de existência de um relacionamento interespécie que se cultiva na feitura diária da convivência, havendo reconhecimento de necessidades, literalmente, específicas que precisam ser supridas por quem desempenha a função de tutoria. Entretanto, Haraway questiona certo senso comum que baliza o entendimento das relações estabelecidas historicamente entre humanos e cachorros.

Outro autor importante para compreendermos certos aspectos é Tim Ingold (1995), quando problematiza as fronteiras e porosidades entre os conceitos de humanidade e animalidade. Ingold nos mostra que, embora haja uma concepção ainda vigente de que as diferenças entre humanos e animais de outras espécies são radicalmente notáveis, atualmente ganha espaço uma concepção gradualista das diferenças entre animais humanos e não-humanos. Nesta perspectiva, as diferenças existentes não se fundamentam em capacidades distintas verificadas apenas nos humanos ou nos outros animais. Pelo contrário, as diferenças são percebidas apenas com relação ao grau com que certas capacidades se manifestam em determinadas espécies.

Para Ingold, os animais de estimação, isto é, aqueles que poderiam ser enquadrados na categoria de "espécies companheiras" ou também entendidos como *pets*, são protagonistas no desencadeamento de uma mudança de paradigma no que tange à diferenciação estabelecida entre animais humanos e não-humanos. Neste aspecto, Don Kulick (2009: 501) aponta com exatidão o fato de que os animais domésticos "são em geral agentes frequentemente mais corrosivos da fronteira entre as espécies". Fazendo o diálogo entre o que dizem Ingold e Don Kulick, percebe-se que são os animais domésticos, mais próximos da convivência humana, os grandes responsáveis pela demonstração de inteligências, habilidades, e intencionalidades verificadas na construção de relações íntimas interespécies. A diferença entre animais humanos e não-humanos se dá pela gradação com que certas faculdades são manifestadas, mobilizadas, articuladas.

Para os efeitos desta pesquisa, *pets* é uma categoria que inclui diversas espécies como caninos, felinos, aves, roedores e outros animais passíveis de inserção na vida doméstica humana. Isto é, a ideia de *pet* como categoria pressupõe a inclusão de espécies não-humanas em ambientes urbanos que possibilitam um convívio familiar interespecífico em relações de coabitação entre humanos e animais de estimação. Mais do que uma categoria que se refere a determinados grupos de animais e suas características, *pets* é ainda uma designação comercial, usada no contexto de uma lógica capitalista vinculada ainda a uma indústria veterinária, que contribui para reposicionar certos animais quanto ao seu *status* como membros de famílias contemporaneamente entendidas como multiespécies. Portanto, em certo sentido, *pets* é também uma categoria que pode ter significado jurídico, uma vez que designa animais inseridos, afetivamente, na convivência familiar, o que possivelmente enreda estes animais em vínculos pautados nos conceitos de direitos e obrigações referentes ao seu bem-estar e às relações estabelecidas com seus tutores humanos. Muitas vezes

nomeados por seus tutores como "filhos", os *pets* suscitam a emergência de novas categorias jurídicas para contemplar a sua existência no campo do direito, sendo necessário o entendimento de novos modelos de família pautados em relações multiespécies (Lima, 2016; Barbosa, 2021).

No que tange à apropriação capitalista destes novos modelos multiespécies de família, os *pets* tornam visíveis o grande número de produtos e a variedade de serviços cada vez mais especializados para atender às demandas provocadas pela nova compreensão destes animais como membros da família. Esta inserção familiar, aliada à circulação destes animais em grandes e médias cidades, adentrando espaços antes restritos somente a humanos, proporciona o desenvolvimento e refinamento de uma indústria *pet*, que abre mercados para novos consumidores não-humanos – questões que foram estudadas por Oliveira (2006) e Toma (2017). É necessário frisar que, embora o termo *pet* faça referência a um tipo de animal de estimação tutorado por humanos de todas as classes sociais nos grandes e médios centros urbanos, o recorte desta pesquisa se dirige especificamente aos *pets* tutorados por pessoas das camadas médias e altas, que acessam múltiplos produtos e serviços destinados a quem tem certo poder aquisitivo, pois compreendem demandas cada vez mais especializadas, variadas e mercadologicamente segmentadas, que vão além da assistência básica aos animais de estimação. Ou seja, estou me referindo a serviços como banho e tosa, hidratação dos pelos, tratamentos estéticos, acupuntura, fisioterapia, escolas de adestramento, passeadores, recreação, creches para animais, hotéis e restaurantes para *pets*, festas de aniversário, roupas, acessórios, brinquedos e produtos de higiene cada vez mais especializados. Portanto, esta pesquisa parte de um recorte que abrange animais que estão sob responsabilidade de sujeitos humanos das classes médias e altas cujo perfil financeiro e de consumo as torne relevantes para esta indústria.

Assim, os *pets* são também consumidores, na medida em que se beneficiam de um consumo mediado pelas decisões de seus tutores, passando a usufruir cotidianamente de cuidados veterinários, produtos de higiene, remédios, exames, serviços estéticos, atividades recreativas, terapias alternativas diversas (reiki, acunputura, massagens), itens de vestimenta, artigos especializados de alimentação, brinquedos, creches, hotéis e mesmo formação em adestramento. Entretanto, estamos falando de serviços que atendem às demandas de animais vivos, porém, esta mesma indústria *pet*, em seu rápido processo de adaptação às novas necessidades das famílias multiespécies, está cada vez mais atenta para o oferecimento de serviços pós-morte. Isso compreende itens como velório, celebrações fúnebres, cremação, sepultamento, confecção de lembranças funerárias dentre outros serviços deste setor. É sobre este assunto que pretendo falar no próximo tópico, ao detalhar questões do meu trabalho de campo num cemitério para animais situado no Rio Grande do Sul.

Um cemitério na Serra Gaúcha

Gramado e Canela são os destinos turísticos mais visitados do Rio Grande do Sul, de acordo com inúmeras notícias veiculadas na internet com resultados de pesquisas realizadas por empresas de viagens. No site da Prefeitura de Gramado, há uma notícia recente cujo conteúdo se refere ao fato de que a cidade é o segundo destino preferido dos

brasileiros para viajar nos meses de julho e agosto, época das baixas temperaturas no Estado devido à estação do inverno gaúcho[3]. Incluo o município de Canela nesta conta porque, em virtude da proximidade entre as duas cidades, é inevitável não visitá-la, sendo difícil distinguir onde termina e começa cada um desses dois destinos turísticos no exato trecho rodoviário em que eles se conectam.

Gramado e Canela estão situadas na Serra Gaúcha, região nordeste do Rio Grande do Sul, que abrange um conjunto de outros municípios cuja economia gira em torno do turismo e da indústria de bens de consumo. O crescimento turístico de Gramado se deve ao investimento grandioso em atividades de lazer ligadas à gastronomia, entretenimento, turismo rural e aos atrativos relacionados a produção de uvas, vinhos, queijos e outros produtos típicos da culinária colonial de ascendência italiana e alemã fortemente presentes na região. Fato é que a colonização desta região se beneficiou de políticas públicas, datadas do século XIX, de embranquecimento e expulsão dos povos indígenas. A pesquisa de Soraia Dornelles (2011) desenvolve uma historiografia da ocupação alemã e italiana na Serra Gaúcha a partir de tensos processos de convívio e negociação com os Kaingang – povo originário daquela região –, destacando a agência indígena e suas capacidades de trato político diante dos avanços coloniais. Assim, toda esta região é marcada pela ênfase dada às heranças culturais alemãs, italianas, portuguesas e holandesas ali cultivadas, gerando, especialmente nos turistas, a expectativa de encontrar um pedaço da Europa no Brasil.

Contudo, a fama turística de Gramado e Canela acaba por beneficiar uma série de outros municípios da Serra como, por exemplo, Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi, São Francisco de Paula, Carlos Barbosa dentre outras cidades. Ou seja, um município acaba auxiliando, de modo recíproco, a economia do outro girar em torno do turismo, pois os visitantes circulam entre estas cidades através de passeios que as conectam por via rodoviária. Pois é na Serra Gaúcha, mais precisamente entre Gramado e Nova Petrópolis, que há um cemitério para animais de estimação cujo nome é Cemitério Saúde Animal[4].

Existente há mais de 20 anos, o cemitério fica situado no município de Nova Petrópolis, no alto de uma montanha, mas sua administração é feita (desde 2013) por Bruna Henzel, proprietária da Clínica Veterinária Saúde Animal, localizada em Gramado. Tomei conhecimento do cemitério para animais através de reportagem que li no Jornal de Gramado, cuja manchete dava conta de chamar a atenção para o pioneirismo deste empreendimento no Estado do Rio Grande do Sul[5]. Aliás, o mercado de serviços funerários vem crescendo em toda a Serra Gaúcha, conforme atesta matéria jornalística do site Gaúcha ZH[6]. Logo que chegou ao meu conhecimento, tratei de entrar em contato com a empresa para, talvez, conseguir uma entrevista que me possibilitasse obter maiores informações,

3 https://www.gramado.rs.gov.br/noticias/gramado-e-eleita-um-dos-principais-destinos-turisticos-para-as-ferias-de-julho

4 https://www.cemiteriosaudeanimal.com.br/home/

5 https://www.jornaldegramado.com.br/noticias/regiao/2021/10/29/cemiterio-para-caes-e-gatos-em-nova-petropolis-e-pioneiro-no-estado.html

6 https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2021/10/conheca-os-servicos-funerarios-para-animais-na-serra-ckv16c76h0054017fhotg7553.html

visitar o local etc. Após algum tempo de negociação, obtive a resposta de que o cemitério estaria de portas abertas para visitação, porém uma entrevista com a proprietária do estabelecimento não seria possível naquele final de ano de 2021, período de alta estação turística em Gramado e, provavelmente, de grande movimentação em sua clínica veterinária. Com autorização para visitar o cemitério, fui alertado de que sua localização era de difícil acesso e não correspondia exatamente ao endereço oficial disponível na internet. Isto porque o cemitério se localiza na Linha Chapadão, no alto de uma montanha. Para acessá-lo, é necessário obter coordenadas precisas de GPS, responsáveis por indicar sua localização de modo mais confiável.

Depois de uma viagem de Pelotas até Nova Petrópolis e mais alguns trechos de estrada de piçarra, finalmente cheguei ao Cemitério. Os portões estavam abertos e, logo ao entrar, fui recebido com muitos latidos de um cachorro sem raça definida, de grande porte, chamado Rex, que era o guardião do lugar (Figuras 1 e 2). Ao entrar lá, é possível perceber a presença de uma casa (habitada, na época, por Seu Antônio, caseiro que cuidava da manutenção física do espaço junto de sua esposa, Maria de Fátima), uma capela de orações destinada às cerimônias de despedida dos *pets* e uma área aberta onde estavam situados os túmulos dos animais. Seu Antônio me recepcionou com muita generosidade e entusiasmo. Contou-me que nasceu no Ceará, mas morava no Rio Grande do Sul há muitos anos e já se acostumara com o frio da Serra Gaúcha. "Recentemente, isso aqui tudo ficou coberto de neve, tudo branquinho. Mandei fotos pros meus parentes e eles ficaram impressionados", referindo-se à queda de neve que caiu na região em agosto de 2021. "Fique à vontade, pode olhar tudo, se quiser tirar fotos também pode. Qualquer coisa é só me perguntar", disse mostrando sua hospitalidade.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 1. Portão de entrada do Cemitério Saúde Animal.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 2. Rex.

Caminhei por toda a área externa e fotografei todo o espaço. O Cemitério Saúde Animal é um cemitério parque, localizado num amplo e bonito espaço verde com tamanho de 6 hectares, ornamentado por uma atmosfera calma naquele dia de sol em que o visitei pela primeira vez. O lugar é muito bem cuidado, a grama aparada, o paisagismo bem pensado. Era verão, o céu estava azulado e cheio de nuvens, o que acentuava a beleza da vegetação distribuída por todo aquele espaço. O Cemitério oferece as modalidades de enterro coletivo, em túmulos onde são abrigados diversos *pets*, ou individual, em sepulturas únicas e personalizadas. O custo para sepultamento individual é de um salário-mínimo vigente na época em que ocorrer o enterro, sendo cobrada ainda uma taxa no valor de R$200,00 para manutenção anual do túmulo. Nos casos em que os tutores querem colocar uma lápide personalizada, este serviço é cobrado à parte. No total, há 132 túmulos, mas nem todos eles já estão ocupados por animais enterrados naquele espaço. Chamam a atenção as lápides personalizadas com fotos dos animais, sobretudo cachorros, já falecidos. As datas de falecimento demonstram que aquele cemitério já possui uma extensa trajetória, pois há animais que morreram há muito tempo e estão ali enterrados (Figuras 3 e 4). "Este cemitério funcionava em outro lugar, mas depois mudou de administração e foi colocado aqui", disse Seu Antônio.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 3. Visão geral das lápides.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 4. Lápide de Max.

CC BY NC SA
e223604
https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe223604

A presença de flores ainda vivas ou em processo de decomposição em alguns túmulos demonstra que o espaço é visitado com frequência pelos tutores. Nos túmulos, era possível ler frases que destacavam a fidelidade dos animais, o amor tido como incondicional, a pureza em relação aos maus sentimentos humanos, a alegria de viver. "Max, saudades eternas, te amamos muito, vó, mãe e dinda", dizia o letreiro de uma lápide, provavelmente pertencente a um cachorro, nascido em 05.02.2001 e falecido em 12.04.2020. Utilizo este letreiro como exemplo da concepção de família multiespécie presente em tantos outros túmulos deste cemitério. O grau de parentesco é estendido aos animais conforme seu posicionamento em relação ao seu tutor principal, isto é, aquela pessoa que o adotou ou comprou e que está incumbida, de maneira mais imediata, de proporcionar-lhe cuidados para seu bem-estar. Assim, a "mãe" de Max seria sua tutora principal, ao passo que a "vó" seria a mãe humana de sua tutora. E a "dinda" é um grau de parentesco mais difícil de precisar, podendo ser uma irmã, prima ou mesmo amiga da família. No caso deste *pet* em específico, não havia relações de parentesco com nenhum homem, aparentando que se tratava de um núcleo familiar centrado em mulheres.

"Aqui é uma região turística. Então, isso facilita que o pessoal sempre venha aqui no cemitério visitar seus cachorros quando estão de férias ou passando feriado em Gramado, Canela, essas cidades aqui de perto", disse Seu Antônio. As visitas também ocorrem em datas comemorativas como, por exemplo, Dia das Mães/Pais, Páscoa, Natal, mas também no Dia de Finados. "Tem uma família que vem muito aqui, visitam sempre o cachorro deles, fazem oração, deixam flores, sempre cuidam do túmulo", observou. "Mas tem gente que demora a aparecer, talvez porque mora mais longe, e vem só uma vez por ano. Geralmente, no período de férias", completou Seu Antônio. De acordo com a administração do cemitério, há muitas pessoas que sepultam seus animais em Nova Petrópolis por ainda não terem cemitérios de animais em sua região ou cidade de residência. Tutores do Brasil inteiro acabam sepultando seus animais naquele espaço cemiterial, que atualmente recebe, em média, quatro enterros ao ano. Por estar localizado numa região turística muito visitada por pessoas de diversos estados brasileiros, o cemitério acaba recebendo um bom fluxo de visitantes de outras localidades em datas comemorativas e feriados.

Chama a atenção uma capela localizada ao lado dos túmulos. Construída a partir de uma mistura de tijolos, madeira e pedras, a capela é parte da infraestrutura do espaço cemiterial e serve para que sejam realizadas cerimônias de despedidas dos *pets* falecidos (Figuras 5 e 6). A capela é toda construída em estilo rústico, que enfatiza a cor marrom, associada a São Francisco de Assis, nas madeiras que forram o teto, contornam as janelas, compõem os bancos para acomodação do público e, por fim, servem como base para um suporte, onde são colocados os *pets* falecidos, e para as prateleiras dispostas na parede central, onde seria localizado uma espécie de "altar"[7]. As pedras também são muito presentes no

7 Utilizo a palavra altar entre aspas para facilitar o entendimento acerca de qual parte deste espaço físico estou me referindo. Porém, não se trata, formalmente, de uma igreja com uma estrutura própria de altar e acessórios pertinentes às celebrações feitas por padres. O espaço ao qual me refiro é apenas uma capela para orações, homenagens póstumas etc.

interior da capela, constituindo a parede central do "altar" e as colunas que sustentam o suporte de madeira, que forma uma espécie de mesa, para acomodação dos *pets* falecidos.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 5. Capela do cemitério.

© Marcus Negrão, 2024

Figura 6. Interior da capela.

No centro do "altar" há uma imagem realista de São Francisco de Assis (provavelmente feita em resina) com um pássaro em suas mãos e um cervo em pé, ao seu

lado, próximo à parte inferior de suas pernas, abaixo dos joelhos. Acima desta imagem, já em direção ao teto, há um crucifixo com a representação da crucificação de Jesus Cristo. Na lateral esquerda do "altar", há ainda outra imagem do santo, desta vez esculpida em madeira, numa estética menos realista, mostrando apenas os contornos de seu corpo e roupa, mas sem olhos, boca, nariz e orelhas, apenas com o formato de sua cabeça aparente. No entanto, é possível identificar dois pássaros em seu corpo: um sobre seu ombro e outro pousado em sua mão. Existem três prateleiras que integram o contorno do "altar" e, nelas, é possível identificar algumas urnas cinerárias deixadas no local. "Tem gente que opta pela cremação dos animais, mas não quer ficar com as cinzas em casa e nem quer jogar em algum lugar especial. Preferem deixar aqui na capela", explicou Seu Antônio.

As urnas são de diversos formatos, mas quase todas feitas em madeira. Algumas mais enfeitadas, outras mais sóbrias. Havia, inclusive, uma urna dourada adornada com um laço branco que se destacava sobre sua parte superior, indicando que se tratava das cinzas de uma cadela. Percebi que, em geral, as urnas ali depositadas eram mais sóbrias quando se referiam aos animais de sexo masculino e mais enfeitadas quando se tratava de um *pet* de sexo feminino. Isso se repete nas decorações dos túmulos na área externa, o que possibilita inferir que a generificação dos corpos e identidades humanas é também aplicada aos animais por seus tutores, tanto em vida (vide as peças de vestuário no mercado *pet*) quanto após a morte (conforme os túmulos, urnas funerárias e dedicatórias fúnebres).

Também é notável a presença de esculturas decorativas de cães espalhadas pela capela, havendo apenas uma escultura de gato no espaço. Isso pode ser indicativo da predominância dos cães nos enterramentos realizados naquele cemitério; pode ser também uma manifestação expressiva da força da imagem que os cachorros possuem como guardiões dos espaços; e, finalmente, pode ainda evidenciar uma percepção cristalizada acerca da fidelidade canina com relação aos sentimentos dedicados aos seus tutores. O fato é que imagens e esculturas de cães são predominantes em todos os espaços funerários pelos quais tenho circulado.

Contudo, o que mais me chama a atenção neste espaço é a presença de um livro de visitas com dedicatórias fúnebres destinadas aos *pets* enterrados naquele espaço (Figura 7). Em sua folha de rosto é possível ler "Cemitério Parque e Crematório Saúde Animal: livro de visitas e mensagens", escrito em tinta preta com pincel atômico. Passei a maior parte do tempo dedicado a ler e fotografar todas as páginas daquele livro de visitas. São inúmeras as dedicatórias, declarações de amor, manifestações de afeto colocadas de forma muito espontânea e genuína. Sem nenhum intuito de criticar qualquer expressão de sentimentos ali verbalizada, devo dizer que me fiz algumas perguntas, que talvez tenham utilidade antropológica para o tema que pesquiso: por que a existência de um livro de visitas? Que tipo de conforto emocional poderia haver em registrar o amor sentido pelos animais naquelas páginas? Por que tantas dedicatórias repetidas pelos mesmos tutores para os mesmos animais? Qual a importância da escrita das emoções se seus principais destinatários não compreendem a representação gráfica e abstrata da escrita? Seriam os *pets* os reais destinatários daquelas mensagens?

© Marcus Negrão, 2024

Figura 7. Livro de visitas e mensagens.

Na incerteza de responder a todas estas perguntas, devo mencionar que este material é de fundamental importância para o meu trabalho de campo, pois é através dele que posso acessar e inferir questões antropológicas diretamente das fontes proporcionadas por interlocutores, humanos e *pets*, que, neste caso, colaboram indiretamente com esta pesquisa. Por isso, quero me debruçar sobre aquelas páginas e deixar que elas comuniquem um pouco daquilo que pretendem, passando pela interpretação que posso fazer delas na condição de antropólogo pesquisador da temática. Ao escrever todas aquelas mensagens de afeto, os tutores comunicam muito acerca de suas concepções de vida no que tange às relações que estabelecem com seus animais de estimação.

> Amorzinho da vovó, meu anjo, meu bebê, meu filhinho, te amo muito. Vai com Deus, me dê forças para superar essa dor. Aquieta meu coração. Vó Carmelita. 20/04/2020

> Que São Francisco de Assis ilumine e abençoe sempre esse local sagrado onde todos os nossos irmãozinhos de luz repousam em paz!!! Fique com Deus, meu querido amiguinho Max. Do teu amigo, Gilberto (Giba)!!! Nova Petrópolis, 16/10/2020.

As mensagens acima trazem questões muito relevantes para a Antropologia. Na primeira, há uma vinculação direta de parentesco entre o *pet* (cuja espécie não é informada) e sua tutora, a "avó", que mobiliza ainda palavras como "bebê" e "filhinho". Na segunda mensagem, a relação de parentesco não é evocada diretamente, mas substituída por uma relação de amizade, embora o termo "irmãozinhos" seja utilizado para se referir, de modo geral, à construção de laços entre *pets* e humanos, colocando-os numa posição fraterna de relação. Porém, em ambas as mensagens há menções a Deus, São Francisco de Assis e a

termos como "luz" e "anjo", indicando a existência de uma concepção de espiritualidade envolvendo aquela perda física. "Vai com Deus" ou "Fique com Deus" são expressões que podem demonstrar o entendimento de que o *pet* possui alma, espírito ou algo equivalente. E, sendo assim, sua vida continuará no plano espiritual, tal como se costuma crer, em diversas religiões, que aconteça aos humanos. Embora possam ser interpretadas como meras formas corriqueiras (e talvez não racionalizadas) de expressão, não posso considerar que, num contexto de um cemitério *pet*, no qual as pessoas levam a sério o tratamento póstumo dado aos seus animais de estimação, estas mensagens sejam simplesmente um modo educado de falar que não tenha significados mais profundos.

Vejamos as mensagens abaixo:

> Lara, minha amada imortal! Me espere na porta do paraíso. Amo você. Mariana.
>
> Bud! Brinca bastante no céu dos cachorros! Dá um beijão na Charlotte e no Lord! Bjs!
>
> Meu querido Pepe, Vou deixar o teu corpinho aqui. Tem um campo verde e lindas árvores. Agora é nossa separação física, mas no meu coração você vai viver. Amado, adeus. 26/06/2020
>
> Meu amado Pepicho, Fica com Deus e São Francisco de Assis. Corre feliz pela área verde do céu dos cachorros. Fica bem. Seja muito feliz, meu filho, meu amigão, meu companheiro e obrigada pelos nossos 12 anos de convívio, pelo seu amor, pelos seus carinhos. Espero com fé que possamos nos reencontrar. Saudades, Mamãe Silvana 26/06/2020
>
> Estamos aqui novamente neste lugar sagrado para reverenciar o espírito do nosso querido anjinho Max; que São Francisco de Assis abençoe sempre a todos os irmãozinhos da luz que nos deram seu amor incondicional. Muito obrigado, Max!!! Gilberto e Martha (Tia querida). Nova Petrópolis, 19/09/2021.

Há, na linguagem corrente destas mensagens, a utilização de noções que remetem a um "céu dos cachorros", onde esses animais poderão viver felizes, finalmente livres de coleiras, podendo correr pela imensidão de áreas verdes sempre retratadas como tranquilas, bonitas, agradáveis, desenhando uma noção de paraíso espiritual fortemente associada a uma natureza idílica, talvez domesticada, jamais selvagem, parecida com o próprio entorno do cemitério parque onde os corpos *pets* permanecem sepultados. Isto é, uma natureza tratada sob um tipo de paisagismo específico, com campo, grama aparada, árvores selecionadas, flores bem posicionadas, caminhos de pedra detalhadamente desenhados, bancos para sentar e muitos outros cachorros brincando.

As mensagens transparecem uma diferenciação entre separação física, ocorrida inevitavelmente mediante a morte do *pet*, e separação espiritual, jamais consumada devido à ligação emocional e energética existente entre humanos e seus animais de estimação.

Entretanto, há ainda a constante esperança de um reencontro futuro, que, por mais espiritual que seja, parece ganhar uma dimensão física com as expressões "me espere na porta do paraíso" ou "dá um beijão na Charlotte e no Lord". Ou seja, esses textos indicam que haverá um reencontro espiritual onde será possível um reconhecimento (quase físico) uns dos outros como uma comunidade unida em torno de uma ligação muito superior de almas.

Assim, torna-se muito explícito que, por um lado, os tutores operam com a separação entre corpo e espírito, quando mencionam que o sepultamento no cemitério traz à tona uma mera separação física entre os corpos, porém, a ligação de afeto construída (em vida) por ambas as partes nunca permitiria uma separação espiritual entre humanos e *pets*. Por outro lado, as mensagens deixam entrever que esses mesmos tutores não operam com a separação entre natureza e cultura, pois, apesar de existir um "céu dos cachorros", há a previsão de um reencontro entre os animais humanos e não humanos num plano espiritual onde não há distinção de espécies segundo o binômio natureza e cultura. Resta saber se esta indistinção se estende para todas as espécies de animais não humanos ou se seleciona apenas as espécies companheiras, isto é, aqueles animais com os quais é possível estabelecer uma convivência cotidiana, doméstica e a longo prazo.

Além disso, há outros sentimentos que são manifestados em algumas mensagens. Ao folhear o livro de visitas, encontrei duas mensagens dedicadas a uma *pet* chamada *Mel*, nome comumente utilizado para cadelas, embora não seja possível identificar com precisão se se tratava de uma. Uma das que mais me marcou:

> Vai com Deus, meu anjo, cuida de nós aí de cima! Nós te amamos, Mel <3 Com amor, Marcele. 30 de abril de 2020.
>
> Me perdoa, Melzinha... Agora tu vai conhecer o Roger. Te amo além dessa vida. E um dia iremos nos encontrar... Mel, minha "cholona". Meu cotoquinho. Com amor, Luciane. 30/04/2020

Por estarem na mesma folha do livro, citarem o mesmo nome do animal falecido e terem a mesma data de redação, suponho que sejam duas mensagens escritas por diferentes tutoras da *Mel*. Na primeira inscrição, destaca-se novamente a concepção de espiritualidade implicada no entendimento do fenômeno da morte dos *pets* e isso se repete na segunda mensagem, situada na parte inferior da página. A repetição das expressões "vai com Deus" e "meu anjo", acrescida da observação "cuida de nós aí de cima", indica a ideia de viagem para outro plano espiritual superior onde será possível conhecer ou encontrar outros familiares como, por exemplo, o Roger (não se sabe se é humano ou *pet*) mencionado no segundo excerto. A noção de amor além da vida é mobilizada para também marcar um encontro futuro neste mesmo plano espiritual.

Porém, o que mais me chama a atenção na segunda mensagem é o seu início, onde se lê a frase "Me perdoa". Há um sentimento de culpa, expresso no começo desta mensagem através de um pedido de perdão. Ainda que não seja possível identificar com clareza o motivo pelo qual se pede perdão, é possível inferir que *Mel* passou por um procedimento de

eutanásia, comum em clínicas veterinárias quando há casos de doenças sem solução ou que afetam drasticamente a qualidade de vida dos *pets* e tutores. Se este for o caso, o pedido de perdão pode ser a expressão de dor não apenas pela morte em si, mas por sua tutora ter autorizado a sua antecipação via procedimento médico. De todo modo, o pedido de desculpas pode ser por outras motivações como, por exemplo, não ter cuidado do *pet* como deveria, não ter estado presente em algum momento crucial de sua vida ou qualquer outra razão semelhante. Um exemplo disso é outra mensagem cujo conteúdo é: "Você vai fazer muita falta, Gorducha... Desculpa não ter brincado mais contigo! Te amo, Emili", dizia outra mensagem.

As mensagens revelam ainda a recorrência das visitas àquele cemitério, provando que, por mais difícil que seja o acesso ao local, os tutores mantêm o compromisso e o desejo de visitação dos *pets*. No decorrer das páginas do livro de visitas, são recorrentes as mensagens a diversos cães, destacando-se, entre eles, Elvis, Max e Pepe com diversas visitas ao longo do ano.

> Elvis, estivemos aqui. Regina, Cynthia, Regina Socorro. Em 18/04/2019
>
> Elvis, estivemos aqui. 29/05/2019. Carvalho, Regina e Cynthia. 29/05/2019
>
> Cynthia 29/08/2019 = ver meu filhinho Elvis.
>
> Feliz Natal para o nosso Elvis e para todos nessa linda morada! Cynthia, Maria Regina, Paulo. 18/12/2019
>
> Feliz Natal, Elvis. Tio Carvalho. Dez/2019.
>
> Elvis – amor da vó Regina. 18/12/2019
>
> Elvis, querido!!! A vó esteve aqui hoje. Beijo, meu cãozinho do coração. Saudades! 08/07/2021
>
> Elvis, estamos aqui contigo. 08/07/2021
>
> Querido Pepe, Estivemos aqui! Dimitri e Silvana. 10/07/2021
>
> Estive aqui com o coração apertado e cheio de saudade de nosso PET MAX. Sei o quanto ele sabia do nosso amor, e por amor a ele, desejo que ele está bem na companhia de S. Francisco e do nosso pai amado, Deus. Um dia nos encontraremos, te amo, MAX. Tua mãe humana. Setembro/2021.

As mensagens acima deixam registrado aquilo que Seu Antônio já havia relatado, isto é, a frequência com que os tutores visitam o espaço. "As pessoas ligam pra

administração, agendam a visita e aí fico esperando eles chegarem no dia combinado", disse Antônio. "A gente acaba criando uma aproximação com as pessoas que vem aqui. Naquele dia em que caiu neve, as pessoas queriam saber como ficaram os túmulos dos animais, pediram fotos e eu mandei", completou. Durante a conversa que tive com Seu Antônio, entrei em vários assuntos pertinentes ao cemitério, aos frequentadores do espaço, aos planos futuros da administração. De acordo com ele, há diversas áreas dentro da propriedade onde está localizado o cemitério que serão utilizadas para sua expansão. Por exemplo, atrás da Capela há um grande espaço verde onde será possível abrir mais túmulos individuais ou coletivos para futuros sepultamentos. Também em outra área situada ao lado de onde se encontram os atuais túmulos, há bastante espaço para novas sepulturas. "O projeto aqui é de aumentar o cemitério. Mas, por enquanto, essa área onde os animais já estão sendo enterrados está dando conta de atender as necessidades de espaço", afirmou Antônio. Caso a expansão se concretize futuramente, a administração terá que preparar as novas áreas de sepultamento de acordo com a legislação ambiental para evitar contaminação do solo e, assim, obter o licenciamento para operar.

Fiquei conversando com Seu Antônio ao ar livre durante um bom tempo. Em nossa companhia estava Rex, o cachorro que morava com ele no local. "O Rex era um cachorro da vizinhança, vivia por aqui e por ali, na casa de um e de outro", contou. "Todo mundo aqui de perto cuidava um pouco dele, dava comida. Mas, depois que eu vim morar no cemitério, ele veio aqui pra casa e a gente ficou com ele", finalizou. Foi quando, quase no fim da conversa, resolvi fazer uma pergunta ao Seu Antônio. Primeiro, disse-lhe que, em cemitérios humanos, é comum haver histórias de assombração e, em seguida, perguntei se, naquele cemitério de animais, tinha assombração também. Seu Antônio deu uma longa gargalhada, quase não conseguia responder de tanto rir. "Aqui não existe isso não, rapaz! Assombração é coisa de gente!", exclamou o homem gargalhando. "Mas dizem que os cachorros conseguem ver fantasmas. O Rex nunca viu nenhum cachorro fantasma por aqui?", insisti. "Que nada! Aqui não tem fantasma não!", concluiu Seu Antônio gargalhando.

Considerações Finais

No fim da visita, Seu Antônio me informou outro caminho mais amigável por onde deveria retornar, dizendo que as portas do cemitério estariam sempre abertas para visitação. No caminho de volta a Gramado, uma pergunta não saía de minha mente: para quem são aquelas mensagens no livro de visitas? A que se destinam? Após refletir sobre esta experiência de visitação do cemitério *pet*, coleta, seleção e análise das mensagens fúnebres, concluo que, embora aquelas mensagens desejem estabelecer algum tipo de comunicação com os animais de estimação, elas se destinam a construir um imaginário coletivo entre os humanos acerca da morte de seus *pets*. Em outras palavras, cria-se uma rede discursiva na qual estão sendo debatidas, entre palavras de luto e afeto, concepções de família e parentesco, noções de vida após a morte e o dimensionamento do amor interespécies.

Quem lê as mensagens são outros humanos, que se reconhecem na dor sentida pela morte de seus *pets*. E, ao folhear as páginas daquele livro de visitas, é possível observar a frequência das visitações de outros tutores, criando uma necessidade coletiva de vigilância da atenção dada aos *pets* falecidos. Assim que os *pets* morrem, os tutores deixam longos textos

de despedidas, mas, no decorrer dos anos, passam a deixar mensagens curtas, apenas com o objetivo de registrar a passagem por aquele lugar, informando aos outros humanos que a família daquele *pet* não o abandonou. As mensagens funcionam como uma maneira de continuar nutrindo uma relação de afeto com os animais, pois haverá um reencontro final quando os humanos, familiares do *pet*, falecerem. E como reencontrar o animal sem, após a sua morte, tê-lo dado a devida atenção? É preciso cultivar a relação, registrar presença, rezar pelo *pet*, manter a limpeza e decoração de seu túmulo.

Mas também é preciso mostrar aos outros humanos, estimulá-los a não abandonar os seus animais, chamá-los à reflexão sobre espiritualidade para endossar uma perspectiva em um debate mais amplo, cuja questão que parece estar sendo socialmente debatida é: os animais merecem toda essa reverência?[8] O que está sendo discutido neste livro de visitas é, em outras palavras, expressão de outra face dos direitos dos animais. Se o ativismo pelos direitos dos animais luta para manter condições dignas de vida a todas as espécies, considero que os ritos funerários destinados aos *pets* podem ter iniciado um movimento de expansão da garantia de direitos pós-morte relacionados ao direito à memória dos animais[9]. O crescimento mercadológico das funerárias e crematórios *pets* não pode ser apenas tido como decorrente de um senso de oportunidade capitalista, embora, de certa forma, não deixe de ser. Mas, nas profundezas dessas ações de sepultamento ou cremação de *pets*, estão contidas questões que tocam em assuntos como dignidade e honra póstumas que, aos poucos, podem começar a ser reivindicadas como direito pertinente a todos os animais. O que a indústria *pet* está fazendo é se aproximar de um debate pré-existente a seu favor, abrindo as fronteiras do ramo funerário para abarcar os animais. Trago essa discussão do mercado funerário e indústria pet com base em Donna Haraway (2022). A autora levanta dados que demonstram que, em termos de valor de mercado, a indústria pet se equipara à indústria farmacêutica em termos globais. Isso significa um altíssimo valor de mercado que se encontra em franca expansão. Para a autora "os cães [...] são ao mesmo tempo mercadorias e consumidores de mercadorias" (p. 70). Numa abordagem (de inclinação marxista) da indústria pet, Haraway nos faz perceber como os animais estão enquadrados no mundo contemporâneo como capital vivo. Na relação que constituem com a humanidade, os animais e os humanos estão implicados em regimes mútuos de consumo dentro da lógica do capital.

Sendo assim, penso que os animais falecidos podem ensinar muito à Antropologia no que diz respeito à compreensão das transformações ocorridas na percepção das relações entre humanos e não humanos. E, dessa forma, tem-se a possibilidade de expandir o

---

[8] Este é um questionamento ao qual os tutores enlutados por seus *pets* são constantemente constrangidos. Em meu trabalho de campo, muitos tutores relataram se sentirem julgados por estarem em luto, configurando-se assim um luto interdito e socialmente deslegitimado. Atualmente, há uma ampla bibliografia que discute a temática dos lutos não reconhecidos. Neste sentido, recomendo a leitura de Rémillard, Meehan, Kelton e Coe (2017); Spain, O'dwyer e Moston (2019); Cleary, West, Thapa, Westman, Vesk e Kornhaber (2021); Lapa e Nogueira (2022); Ciliberti, Malcotti e Alfano (2023).

[9] Aos poucos, é possível perceber que há uma discussão corrente sobre o direito dos animais de estimação de serem sepultados dignamente, e isso está dando início a um processo (ainda embrionário) de promulgação de leis que tratam acerca do tema. Em Pelotas/RS, duas leis já foram promulgadas a este respeito, são elas: Lei nº 6570/2018 e Lei 7350/2024.

entendimento que as Ciências Sociais atualmente possuem acerca de família, relações de parentesco, cuidado, emoções, espiritualidade, vida após a morte, além dos debates que tensionam o binômio natureza e cultura. É importante dizer que a Antropologia apenas discute, formula conceitualmente, aquilo que os interlocutores em campo já fazem em suas práticas cotidianas. Isto é, as relações entre humanos e não humanos em contextos urbanos já estão se transformando há muito tempo com a mediação interessada de uma indústria *pet*. E, nesse caso, é importante reconhecer os *pets* como agentes muito relevantes na produção dessas transformações, pois são eles, com suas capacidades de ação, que mobilizam os afetos humanos em direção a uma agenda de cuidados que lhes são destinados mesmo após as suas mortes. Por fim, as mensagens do livro de visitas aqui analisado revelam que há um debate acontecendo espontaneamente (motivado pela capacidade que os *pets* possuem de acessar os sentimentos humanos), que aponta para a necessidade de compreender múltiplas dimensões envolvidas nessa temática, tais como: indústria *pet*, espiritualidade, relação entre humanos e não humanos e, por fim, a expansão dos ritos funerários destinados a outras espécies.

Referências Bibliográficas

Ariès, Philippe. 2013. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.

Auster, Carol; Auster-Gussman, Lauren; Carlson, Emma. 2020. "Lancaster Pet Cemetery Memorial Plaques 1951–2018: an analysis of inscriptions". *Anthrozoös*, v. 33, n. 2, p. 261-283.

Barbosa, Ingrid. 2021. *A dissolução do vínculo conjugal na família multiespécies e a tutela jurídica dos animais não humanos como sujeitos de direitos*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Bloch, Maurice; Parry, Jonathan. 1982. *Death and the regeneration of life*. Great Britain: Cambridge University Press.

Bulliet, Richard. 2005. *Hunters, Herders, and Hamburgers: The Past and Future of Human-Animal Relationships*. New York: Columbia University Press.

Carneiro da Cunha, Manuela. 1978. *Os mortos e os outros*. São Paulo: Hucitec.

Ciliberti, Rosagemma; Malcotti, Ivano; Alfano, Linda. 2023. "Ethics in Pet Funeral Practices: The State of Liminality". *Medicina Historica*, v. 7, supl. 2, p. 1-8.

Cleary, Michelle; West, Sancia; Thapa, Deependra K.; Westman, Mark; Vesk, Kristina; Kornhaber, Rachel. 2021. "Grieving the loss of a pet: A qualitative systematic review". *Death Studies*, p. 1-12.

Descola, Philippe. 1998. "Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia." *Mana*, v.4, n.1: 23-45. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002

Descola, Philippe. 2006. *As lanças do crepúsculo*. São Paulo: Cosac Naify.

Descola, Philippe. 2016. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34.

Digard, Jean-Pierre. 2012. "A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal". *Anuário Antropológico*, v. 37, n. 2, p. 205-223.

Dornelles, Soraia Sales. 2011. *De coroados a Kaingang*: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
Elias, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
Fochi, Graciela. 2011. *Morte, cemitérios e jazigos*: um estudo do cemitério municipal de Joinville/SC. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade), Universidade da Região de Joinville, Joinville.
Francione, Gary. 2013. *Introdução aos direitos dos animais*: seu filho ou o cachorro? Campinas: Unicamp.
Haraway, Donna. 2021. *O manifesto das espécies companheiras*: cachorros, pessoas e alteridades significativas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
Hertz, Robert. 1960. "A contribution to the study of the collective representation of death". In: *Death and the right hand*. Illinois: The Free Press Glencoe.
Houdart, Sophie. 2015. "Humanos e não humanos na Antropologia". *Ilha*, v. 17(2): 13-29. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n2p13
Ingold, Tim. 1995. "Humanidade e animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 10, n. 28: 01-11.
Kulick, Don. 2009. "Animais gordos e a dissolução das fronteiras entre as espécies". *Mana*, v. 15, n. 2: 481-508. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000200006
Lapa, Dioni Mateus Kammer; Nogueira, Maria Teresa Duarte. 2022. "O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS". *Psicologia Revista São Paulo*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 251-270.
Latour, Bruno. 2013. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
Lévi-Strauss, Claude. 1990. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus.
Lévi-Strauss, Claude. 2010. *O cru e o cozido*. Mitológicas 1. São Paulo: Cosac Naify.
Lévi-Strauss, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2012.
Lima, Maria Helena. 2016. *Animais de estimação e civilidade*: a sensibilidade de empatia interespécie nas relações com cães e gatos. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
Mauss, Marcel. 2005 [1921]. "A expressão obrigatória dos sentimentos: rituais orais funerários australianos". In *Ensaios de sociologia*: 325-335. São Paulo: Perspectiva.
Morin, Edgard. 1976. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América/LDA.
Motta, Antônio. 2009. *À flor da pedra*: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
Motta, Antônio. 2010. "Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas". *Horizontes Antropológicos*, ano 16, n. 33: 55-80. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000100005
Oliveira, Samantha Brasil Calmon. 2006. *Sobre homens e cães*: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
Osório, Andrea. 2013. "A cidade e os animais: da modernização à posse responsável." *Teoria & Sociedade*, v. 21, n. 1: 143-176.
Pastori, Erica Onzi. 2012. *Perto e longe do coração selvagem*: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
Pina Cabral, João. 1984. A morte na Antropologia Social. *Análise Social*, v. XX, 81-82: 349-356.
Rapchan, Eliane; Neves, Walter. 2014. "Etnografias sobre humanos e não humanos: limites e possibilidades." *Revista de Antropologia*, n. 57, v. 1: 33-84. DOI: https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87750
Reesink, Mísia. 2010. "Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados". *Mana*, n. 16, v. 91: 151-177. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000100007
Rémillard, Liam W. *et al.* 2017. "Exploring the Grief Experience Among Callers to a Pet Loss Support Hotline". *Anthrozoös*, v. 30, n. 1, p. 149-161.
Rodrigues, José Carlos. 2006. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
Sahlins, Marshall. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar.
Schuurman, Nora; Redmalm, David. 2019. "Transgressing Boundaries of Grievability: Ambiguous Emotions at Pet Cemeteries. Emotion". *Space and Society*, v. 31, p. 32-40.
Segata, Jean. 2012. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação.* Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
Singer, Peter. 2013. *Libertação animal*: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: Martins Fontes.
Spain, Breeanna; O'Dwyer, Lisel; Moston, Stephen. 2019. "Pet Loss: Understanding Disenfranchised Grief, Memorial Use, and Posttraumatic Growth". *Anthrozoös*, v. 32, n. 4, p. 555-568.
Stengers, Isabelle. 2015. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify.
Thomas, Keith. 2010. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras.
Toma, Renata Harumi Cortez. 2017. *Amor canino*: emoção, mercado e subjetividade entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
Tourigny, Eric. 2020. "Do all dogs go to heaven? Tracking human-animal relationships through the archaeological survey of pet cemeteries". *Antiquity*, [S. l.], v. 94, n. 378, p. 1-16.
Velden, Felipe. 2015. "Dessas galinhas brancas, de granja: ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO)." *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, n. 1, v. 3: 11-34. DOI: https://doi.org/10.24305/cadecs.v3i1.12253
Veldkamp, Elmer. 2009. "The Emergence of 'Pets as Family' and the Socio-Historical Development of Pet Funerals in Japan". *Anthrozoös*, v. 22, n. 4, p. 333-346.
Viveiros de Castro, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.

sobre o autor

Marcus Vinícius Nascimento Negrão
Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPEL. Desenvolve pesquisas nos campos da Antropologia Visual,

Antropologia da Morte, Antropologia das Emoções e Antropologia das relações entre humanos e não humanos. Sua tese de doutorado discute as implicações do falecimento de animais de estimação na contemporaneidade, o crescimento do mercado funerário destinado aos *pets* e às experiências de luto envolvendo humanos e seus animais de estimação.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Esta pesquisa foi financiada com recurso de bolsa CAPES, instituição a quem o autor agradece.

Recebido em 16/04/2024
Aprovado para publicação em 09/10/2024